

ISTO NÃO É UM CARRO. As superfícies são todas irregulares. Nenhuma linha reta sobrevive intacta por muito tempo. É quebrada por uma falha. Uma queda. Uma curva. Uma superposição. Um paralelismo truncado. Aqui só transparecem finitos. Restos de finitos. Os vazios assumem contornos variados. São mais ou menos vazios. Mas sempre inóspitos. Com arestas. Excrescências. Cortes. Pontiagudos. Nada é redondo. Nada é suave. As silhuetas se multiplicam. Indiferenciadas. Em vagas. Aproximam-se. Aportam a um mundo às avessas. Despedaçado. Excessivo. Barroco. Negro dizem as letras na sacola. Onde todos os conceitos foram subvertidos. Onde só subsistem fragmentos daquilo que as coisas poderiam ter sido. Seus prolongamentos devem ser buscados no imaginário. Que tenta completar os cortes. Dar continuidade à fratura. Aqui um carro não é um carro. Um pneu não é um pneu. Um tapete não é um tapete. Nada mais existe numa dinâmica com sua função primeira. Nenhum objeto é íntegro. A falta sobressai. A razão de ser de cada forma foi esquecida. Os automóveis não vão a parte alguma. Estão encalhados. O tapete está no teto. Os pneus no ar. As portas não isolam. Há uma ausência de precisão em cada coisa. Uma profusão desadaptada. Como em um pesadelo. Onde tudo é familiar. Onde tudo está fora do lugar. Em seqüências absurdas. Numa inversão completa dos sentidos. Um radiador é um pára-brisa. Um painel de controle um guarda-roupas. A luz a materialidade da desordem. O tumulto uma receptividade passiva. O mar de matéria a própria imagem da dissolução. Os caminhos obstáculos. Aqui um homem não é um homem. Está acuado.



Um par de sapatos, Van Gogh, 1856.

Espreita. Num espaço que comprime seu corpo. Com mãos que não assumem a direção. Olhar oscilante. Confundido com objetos sem respiração. Como extensão de si um cemitério de automóveis. Uma segunda pele morta. Pura carcaça. Seus pés desapareceram. Não o conduzem a parte alguma. Mas vários sapatos os esperam. Comportados. No fundo do pesadelo as botas de uma pintura quase esquecida de Van Gogh. A cultura européia.



△ *Campo da Granja Agrícola  
perto do aeroporto de Melilla,  
Marrocos, 1997*

#### Proposta de atividades

- Criar atividades sobre a “reciclagem”. Dar ênfase à importância do reaproveitamento de materiais na criação de novos objetos. Abordar os conceitos: transformação; criatividade; economia; preservação ambiental, etc.
- Propor uma dissertação baseada em entrevistas com moradores de rua, de albergues e cortiços.
- Trabalhar a questão da urbanização e o êxodo rural para as grandes cidades.

#### Temas transversais

- O lixo nas grandes cidades.
- A imigração clandestina da África para a Europa.



O fotógrafo inclina sua máquina para baixo de forma que o assunto principal não o impeça de visualizar seu contexto. Centraliza a porta do carro e deixa vaziar espaço em cima e nas laterais, valorizando a riqueza de detalhes do contexto do assunto de primeiro plano, o *carro*. Com luz difusa, uma lente médio-angular, pôde fazer uma foto com iluminação equilibrada (interna e externa) e grande profundidade de campo.